

**Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô
Eu também tô aí, tô aí sim sinhô**



Carnaval 2010

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

HISTÓRIA DO G.R.E.S. TRADIÇÃO

Em 1984, um grupo de dissidentes da Portela fundou a Portela Tradição, que teria como símbolo a águia, o mesmo da escola de origem. No entanto, a Portela conseguiu impedir na Justiça que a nova agremiação usasse o seu nome e o seu símbolo. A mudança do nome foi facilmente resolvida e no dia primeiro de outubro daquele ano a escola de samba, fundada por Nésio Nascimento (filho do saudoso Natal da Portela), Léa, Odiléia, Tureca, Mazinho, João Nogueira e Paulo Pinheiro, passou a se chamar apenas G.R.E.S Tradição. A adesão de figuras importantes como Paulo Tavares, Mauro Tinoco, Sérgio Aiub, César Augusto Ferreira, Vera Lúcia Correa, Jorge Paes Leme, Tia Vicentina (irmã de Natal), Marlene (filha de Nozinho) e Vilma Nascimento (a eterna porta-bandeira, também conhecida como Cisne da Passarela) valorizaram ainda mais o quadro de diretoria da Caçulinha Guerreira, apelido da Tradição no mundo do samba.

Já a escolha de um novo símbolo foi mais complicada: faltavam poucos dias para o carnaval e águia já estava pronta no barracão. Não havia tempo pra confeccionar um outro adereço. A solução tinha que ser imediata. Foi então que surgiu a idéia que agradou a todos da diretoria da agremiação. E da águia se fez o condor. Semelhantes nas suas aparências foram necessárias poucas modificações até o dia do desfile. Nos primeiros carnavais da Tradição um grupo de artistas plásticos formados por Maria Augusta, João Resende, Rosa Magalhães, Lícia Lacerda, Paulinho Espírito Santo, Edmundo Braga e Viriato Ferreira assumiu o Departamento de Carnaval da escola e trabalhou em conjunto até o carnaval de 1988. Durante os primeiros cinco anos de existência da agremiação a dupla Paulo César Pinheiro e João Nogueira assinou, imbatível, a autoria dos sambas de enredo. Somente para o carnaval de 1990 foi criada a ala de compositores, dando início à disputa de samba de enredo na Tradição.

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

FICHA TECNICA

Presidente administrativo: Nésio Nascimento

Data da Fundação: 01/10/1984

Cores: Azul Royal, Azul Turquesa, Ouro, Prata e Branco.

Sede administrativa: Estrada Intendente Magalhães 160 – Campinho

Quadra de ensaios: Estrada Intendente Magalhães 160 – Campinho

Tel.: (021) 3287-1533

Enredo: “Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô - Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

Carnavalesco(s) e Figurinista (as): Sandro Gomes

Diretor de Carnaval: Samuel Gasman

Autor(es) do enredo: Rosa Magalhães, Lícia Lacerda, Paulino Espírito Santo, Edmundo Braga, Viriato Ferreira e Maria Augusta

(Adaptação Samuel Gasman e Sandro Gomes)

Diretor de Barracão: Nilson e Getúlio

Comissão de Frente: Jerônimo

Diretor Geral de Harmonia: William Ramos

Outros Diretores de Harmonia: Olivia, Márcia, Espinelli, Gelson, Ayres.

Outras Informações: A característica da Escola de Samba Tradição é “marcar em cima” em todos os seus ensaios técnicos, o perfeito entrosamento entre o ritmo e o canto. Todos estão sempre cantando o Samba-Enredo, atentos, para manter-se a igualdade e a tonalidade.

O diretor de harmonia, tem um trabalho árduo, afim de não permitir divergência entre o ritmo da bateria e o canto da melodia. É com orgulho que dizemos que o fenômeno do “atravessamento do samba” nunca ocorreu em nossa Escola.

Intérprete Oficial: Vadinho Freire

Outras Informações: Nosso interprete foi por três anos consecutivos segundo interprete do G.R.E.S.E.P. Mangueira, sendo apontados por muitos como a mais nova Revelação do “Mundo do Samba”, porém nos últimos anos este talento se transformou em realidade, num cantar inconfundível, próprio e característico de quem teve o Mestre dos Mestres como seu tutor.

Diretor Geral de Bateria: Mestre Leo

Outros Diretores de Bateria: Gilberto Peçanha (Beto) , Paulo Maurício, Roberto Bernardino (Roberto Dinamite), Célio Pacheco (Portuga), Felipe D’lelis.

Total de Componentes: 200

Outras Informações: A batida da bateria da “ Escola de Samba Tradição” já tem como característica um perfeito entrosamento de “Convenções Rítmicas” com a melodia do Samba Enredo escolhido para o carnaval de 2010. Em decorrência desse entrosamento toda escola é beneficiada.

Presidente da Ala das Baianas: Odiléia Nascimento

Total de componentes: 80

Ala das Crianças

Responsável: Deise, Ângela, Edilza, Márcia Cristina, Nilce Fran e Valci Pelé

Total de componentes: 150

Mestre Sala e Porta Bandeira

1º Casal Marcio Sirqueira e Thaisa Barros

2º Casal Leonardo e Lucíola Nascimento

Galeria Velha Guarda

Presidente: Marinho

Outras informações: A Tradição por ser uma escola muito jovem, não tem esse conceituado grupo de Velha Guarda, porém este ano este grupo será representado em desfile pela “Grande Família” de nosso presidente Nésio Nascimento através destes ilustres membros de nossa co-irmã Portela.

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

O G.R.E.S. Tradição estará reeditando em 2010 o Carnaval de 1986 **“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”** no qual através do mesmo atingimos o nosso objetivo de alcançar o Grupo de Acesso A, neste momento em que a escola resgatou novamente seus ideais e cada vez mantém o compromisso social firmado com sua comunidade, é latente e adequado lembrar os momentos gloriosos e celebrar a África que é, acima de tudo, um ato de memória, o resgate da herança que vem reafirmar o nosso compromisso genético. É um instante precioso, de lembrança do nosso povo brasileiro mestiço, esse povo brasileiro que é também africano.

É uma exaltação a todos que viveram o horror do cativo, mas que não deixaram aprisionar o espírito, a alma africana, a fibra que une o indivíduo à ancestralidade.

O objetivo, porém, foge da narrativa do sofrimento vivido nas terras de escravidão; o avesso dessa história vem coroar a majestade africana e seus reis.

Mostramos em desfile a África-Mãe e sua gênese, a realidade e a realeza e outras tantas Áfricas realizadas, onde, de uma forma ou de outra, existiram reis e príncipes, rainhas e princesas. Por isso, a Tradição que é, uma entre tantas outras pequenas Áfricas, vem tecer o fio da memória, evocando sua ancestralidade para mostrar esta história de glórias.

Salve os Reis Africanos, salve sua história, sua luta, suas culturas e seus descendentes, Axé...

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

SINOPSE DO ENREDO

(Sinopse original do carnaval de 1986)

1ª Parte – O Homem na África

Seu Habitat natural, a liberdade que gozava, seus hábitos, costumes e tradições.

2ª Parte – A Travessia

A travessia abrange a transformação por que passou, desde uma viagem em péssimas condições, o aprisionamento, o transporte como escravo, por diversas regiões do país, até seu estabelecimento, em suma todas as mudanças sofridas pelos negros em sua adaptação ao Brasil.

3ª Parte – O Grito

A igualdade, a justiça, a liberdade clamada um desafio da individualidade de uma raça e sua integração na origem do povo brasileiro. Formação que teve sua influência na música, na dança, nos artesanatos, comidas. Hoje, o povo brasileiro da novamente seu grito de liberdade, não o Negro oprimido, mas o povo que dele originou um grito de alegria e de esperança pelos novos tempos que virão.

**Rosa Magalhães, Lícia Lacerda, Paulino Espírito Santo, Edmundo Braga,
Viriato Ferreira e Maria Augusta**

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR

Nome: o Homem na África

COMISSÃO DE FRENTE – A Criação da Vida

1º CASAL DE MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA – Nobreza Real Africana
GUARDIÕES DO CASAL DE MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA - Guerreiros Africanos

1ª ala - Os Africanos são exímios dançadores

Caçadores Africanos (Cortejo)

1º CARRO – O Condor sobrevoa a África

2ª ala - Baobá a árvore da Vida

3ª ala - Feiticeiros Africanos

4ª ala - Camponeses Africanos

5ª ala - Sacerdotes Africanos

6ª ala - Mãe África

7ª ala - Liberdade sem Favor

2º CARRO – Dono dos Ouros das pratas dos rios das matas ... do Rei SENHOR

8ª ala - Majestosa Fauna e Flora Africana

2º SETOR

Nome: A Travessia

2º CASAL DE MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA – Doce abraço de Iemanjá

9ª ala - A Mística Travessia (BAIANAS)

RAINHA E PRINCESA DA BATERIA - Sonhos de Liberdade

10ª ala - Branco Invasor (BATERIA)

11ª ala - O tripudio perverso dos Colonizadores Portugueses (PASSISTAS)

12ª ala - A importância na Nobreza Inglesa na Liberdade

3º CARRO – A resistência e a busca de Liberdade e razão do Rei Zumbi e seus descendentes

3º SETOR

Nome: O Grito

13ª ala - Rei das Artes

14ª ala - Rei do Carnaval

15ª ala - Miscigenação de Ritmos e Sons (Zé Pereira)

16ª ala - O Desfile de Amor das Escolas de Samba

17ª ala - O Carnaval não é só o desfile das escolas de Samba (Olodum)

18ª ala - O nosso Futuro

19ª ala - Bambas do Samba

20ª ala – O Legado (Velha Guarda)

4º CARRO – Fez o Carnaval da Escola

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

ROTEIRO DO DESFILE

Alegorias

Descrição das Alegorias

1ª ALEGORIA

Nome: O Condor sobrevoa a África

Descrição: Voa Condor em seu sonho alado, a cintilar na imensidão do universo Africano e faz rufar tambores ancestrais, explodindo em luz como sopro divino da mágica da criação. E no espaço disperso, abrindo caminhos, no vento, nos leva na viagem do tempo ao berço real da humanidade, e todas as suas formas de vida abençoadas por Oxalá.

Autor: Sandro Gomes

Principais destaques: Nil de Yemonjá e Claudia Kaufman

2ª ALEGORIA

Nome: Dono dos Ouros das pratas dos rios das matas ... o Rei SENHOR

Descrição: O povo Africano era dono de todas as riquezas naturais dos Rios de Oxum e seus ouros, dos Mares e Lagos de Iemanjá e de toda a sua fertilidade, das Matas da Mãe Natureza, enfim de tudo que esta presente na terra do Rei Senhor.

Autor: Sandro Gomes

Principais destaques: Jeferson e July July

3ª ALEGORIA

Nome: A resistência e a busca de Liberdade e razão do Rei Zumbi e seus descendentes

Descrição: A resistência e a luta incansável do negro pela busca de liberdade, pelo poder de dispor de si mesmo. Bravos e sofridos guerreiros do Rei Zumbi, apesar dos horrores da escravidão, jamais se curvaram sob o braço do açoite; fazendo do pranto lembranças distantes, e mantendo livre a alma africana, na graça de todos os santos da África pois o sangue e o suor te fazem sagrada e as correntes do cativeiro te bordam um manto de fé, com a nobreza da Nação Nagô, de alma africana livre, embalando o berço do Candomblé. Histórias como essas são cantadas, louvadas e referenciadas pelas “Tias” Baianas, mantendo forte a cultura e a lembrança de nosso povo.

Autor: Sandro Gomes

Principais destaques: Hermínia Paiva

4ª ALEGORIA

Nome: Fez o Carnaval da Escola

Descrição: Fechamos o nosso Carnaval, com um grande carnaval a moda antiga para lembramos de antigos carnavais no qual essa nação miscigenada fez a sua festa, o seu cantar o seu desenvolvimento e principalmente o seu grande reino, adorado por todos, utilizamos para essa representação nada menos carnavalesco que pierrô, arlequim, colombina, apache, espanhola, pirata, palhaço...

Autor: Sandro Gomes

Principais destaques: Marcos Leroy e Rogéria

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

ROTEIRO DO DESFILE Mestre Sala e Porta Bandeira

1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

Nome do Mestre Sala: Marcio Sirqueira

Nome da Porta Bandeira: Thaisa Barros

Nome da Fantasia: Nobreza Real Africana

Outras Informações: Toda a magnificência e esplendor de todas as dinastias africanas. Soberanos supremos de uma terra mítica e mística, que gerou filhos de pele negra como o manto ébano da noite, e com a cabeça erguida, ungida do axé dos orixás.

2º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

Nome do Mestre Sala: Leonardo

Nome da Porta Bandeira: Lucíola Nascimento

Nome da Fantasia: Doce abraço de Iemanjá

Outras Informações: O sentimento acorrentado num elo forte de ouro, da trajetória das galés, criar uma odisséia de bravura de quem venceu o inferno mar, na travessia e levar uma oferenda como quem se entrega ao destino no doce abraço de Iemanjá e no violento jogo do oceano, uma dança a cada onda, vislumbrando no horizonte a esperança de outra África por encontrar.

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

ROTEIRO DO DESFILE

Alas / Descrição das Alas

Figurinista(s): Sandro Gomes

Nº	Nome da Fantasia	Nome da Ala	Descrição	Responsável pela Ala
*	A Criação da Vida	Comissão de Frente	Na mitologia Yorubá, Olodumaré, o Deus supremo, também chamado Olorum, delega a Odùduwà a missão de criar e governar o futuro Àiyé (planeta Terra); e lhe entrega o Àpò-lwá (a sacola da existência) contendo todas as coisas necessárias para a criação. Incumbência anteriormente dada ao seu primogênito, Obatalá, que, por não cumprir as tradições, foi acometido por infortúnios e impedido de realizá-la. Como a tradição mandava, antes de iniciar a viagem, ele fez alguns sacrifícios ao orixá Exú, que deve ser o primeiro a receber as oferendas, a fim de assegurar que tudo corra bem e de garantir que sua função de mensageiro entre mundo material e espiritual seja plenamente realizada. Odùduwà cumpre a tradição e faz as obrigações. Ao chegar ao Àiyé, cria tudo o que era necessário e delega poderes às divindades que o seguiram para governarem a criação, conhecidos como os Àgbà; e volta ao Òrún (mundo espiritual, céu). Quando retorna ao Àiyé, funda a cidade de Ilê-Ifé, e vem a ser o primeiro Obá (rei) do povo yorubá, ao lado de sua rainha Ìyá Olóòkun, divindade feminina, responsável e dona dos mares.	Jerônimo
*	Nobreza Real Africana	1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira	Toda a magnificência e esplendor de todas as dinastias africanas. Soberanos supremos de uma terra mítica e mística, que gerou filhos de pele negra como o manto ébano da noite, e com a cabeça erguida, unguida do axé dos orixás.	Thaiza Barros e Marcio Sirqueira
*	Guerreiros Africanos (Guardiões do Casal de MS e PB)	Comunidade	Representam os espíritos dos Guerreiros que protegem o bailado sagrado nas cerimônias tribais. Na abertura do desfile da Tradição, o pavilhão, símbolo maior da escola, é reverenciado por homens que fazem a guarda do primeiro Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira.	Samuel Gasman
01 A	Os Africanos são exímios dançadores	Comunidade	Os participantes das cerimônias em louvor aos deuses, que exibem danças exuberantes, principalmente o vigor dos seus movimentos mostra a força e a vibração dos povos da África negra. Em danças e rituais, os negros executam uma parte essencial da vida das aldeias primitivas. Adornados com elementos de arte do continente africano em uma celebração que liga o homem ao seu estado interior, mantendo, porém, a característica de manifestação coletiva do prazer da dança	Jerônimo
01 B	Caçadores Africanos (Cortejo)	Comunidade	Ao viverem essencialmente da caça, os povos primitivos retiravam das feras que viviam nas matas o seu alimento. Depois de matarem o animal, retiravam o couro para lhes servirem de adorno, enfeites e proteção contra o frio.	Jerônimo

02	Baobá a árvore da Vida	Ala Maculele	O despertar da vida floresce sobre a grande e majestosa África, como um grande baobá, a árvore da vida. África berço da humanidade e dos nosso antepassados.	Ephraim
03	Feiticeiros Africanos	ALA Pássaro Azul	Desde as mais remotas eras, num tempo em que ainda não existia o tempo, os homens cultuavam seus deuses. Atribuíam a eles a explicação de fenômenos naturais e feitos heróicos e fantásticos. Os feiticeiros Africanos eram os responsáveis pela interpretação do divino com o humano.	Ewerton "Macarrão"
04	Camponeses Africanos	Cominidade	O atual deserto do Saara foi um dos primeiros locais onde se praticou a agricultura na África. Outros achados arqueológicos demonstram que, depois da desertificação do Saara, as populações do Norte de África passaram a concentrar-se no vale do rio Nilo e que já tinham uma agricultura organizada.	Samuel Gasman
05	Sacerdotes Africanos	Liberdade para as Borboletas	Nas cerimônias místicas em louvor aos deuses na África, os sacerdotes desempenhavam o papel de intermediário entre os homens e as divindades. Vestidos para evocar os espíritos ancestrais, os integrantes da Tradição se incorporam ao enredo lembrando as tradições e costumes das nações do continente negro.	Paulo Sérgio
06	Mãe África	Ala das Crianças 01	A África está presente no Brasil em quase todas as dimensões de nossa sociedade: na religiosidade, na musicalidade, no gestual, no gosto pelas cores, nos ritmos, na alegria, na dança e na forma como falamos a língua portuguesa. Dotada de beleza exuberante e de uma riqueza cultural admirável, a África foi um foco de humanização de grande importância para o estudo da origem e da evolução do Homem; berço real da humanidade.	Deise, Ângela, Edilza e Márcia
07	Liberdade sem Favor	Comunidade de Campinho	Na África antes da chegada do homem branco, o negro vivia livre, sem correntes ou amarras, cantava, dançava, louvava seus deuses, caçava, colhia seus alimentos sem a intervenção de outra cultura que fizesse do seu semelhante sua fonte de riqueza.	Araci
08	Majestosa Fauna e Flora Africana	Ala Constelação	Nas áreas de clima equatorial as chuvas são abundantes o ano inteiro; graças à pluviosidade, a vegetação dominante é a floresta equatorial densa e emaranhada. Ao norte e ao sul dessa faixa, onde o verão é menos úmido e a região está sujeita às influências marítimas, aparecem as savanas e áreas deserticas. África conserva ainda numerosos espécimes de sua fauna: a floresta equatorial constitui abrigo, principalmente, para aves e macacos; as savanas e estepes reúnem antílopes, zebras, girafas, leões, leopardos, elefantes, avestruzes e animais de grande porte em geral.	Robson
*	Doce abraço de Iemanjá	2º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira	O sentimento acorrentado num elo forte de ouro, da trajetória das galés, criar uma odisséia de bravura de quem venceu o inferno mar, na travessia e levar uma oferenda como quem se entrega ao destino no doce abraço de Iemanjá e no violento jogo do oceano, uma dança a cada onda, vislumbrando no horizonte a esperança de outra África por encontrar.	Leonardo e Lucíola Nascimento
09	A Mística Travessia	Ala das Baianas	Todas as crenças na existência das forças sobrenaturais do povo negro foram reunidas em uma mística travessia, onde os preceitos religiosos foram preservados em sua mais pura essência, resistindo ao sofrimento e à dor das galés por mais de três séculos, criados pela cobiça e o desamor que levaram o homem	Odiléia Nascimento

			branco ao invadir o continente africano para escravizar seus semelhantes, o povo africano era tratado como mercadoria de alto valor, valendo inúmeras moedas e de ouro. Mais de quatro milhões de negros, reis, rainhas, súditos e nobreza, foram embarcados na costa africana com destino ao Novo Mundo. Kalunga, em suas dezenas de significados, caracteriza-se aqui como essa gente de pele enegrecida pelo escaldante sol da Mãe África, energizados pelo seu poderoso misticismo. Em sua totalidade, os valores que compõem a fé que alimenta a alma africana atravessam a imensidão de águas conduzidos por Olokun, divindade dona do mar e mãe de Iemanjá.	
*	Sonhos de Liberdade	Rainha e Madrinha de Bateria	Os africanos e seus descendentes, promoveram várias formas de resistência à escravidão. A mais conhecida de todas foi a criação dos quilombos, uma espécie de "sociedade paralela" formada por escravos que fugiam de seus senhores, sendo o mais popular o Quilombo dos Palmares. Convém ressaltar que essas revoltas são um dos fatores que contribuíram para a abolição da escravatura.	Priscila Vidal e Raphaela Nascimento
10	Branco Invasor	Bateria	Diante das dificuldades encontradas na escravização dos indígenas, a solução encontrada pelos colonizadores foi buscar a mão-de-obra em outro lugar: no continente africano. Essa busca por escravos na África foram incentivados por diversos motivos. Os portugueses tinham interesse em encontrar um meio de obtenção de altos lucros com a nova colônia, e a resposta estava na atividade açucareira, uma vez que o açúcar tinha grande aceitação no mercado europeu. A produção dessa matéria-prima, por sua vez, exigia numerosa mão-de-obra na colônia e o lucrativo negócio do tráfico de escravos africanos foi a alternativa descoberta, iniciando-se assim a inserção destes no então Brasil colônia.	Mestre Leo
11	O tripudio perverso dos Colonizadores Portugueses	Ala dos Passistas	Nas fazendas de cana os escravos eram tratados da pior forma possível. Trabalhavam muito, de quatorze a dezesseis horas, o que se tornou o principal motivo dos escravos fugirem; outro motivo eram os castigos e o outro era porque recebiam apenas trapos de roupa e uma alimentação de péssima qualidade (recebiam pouca comida e no máximo duas vezes por dia). Passavam as noites nas senzalas (galpões escuros, úmidos e com pouca higiene) acorrentados para evitar fugas.	Amilton
12	A importância na Nobreza Inglesa na Liberdade	Ala da Paz	A partir da metade do século XIX a escravidão no Brasil passou a ser contestada pela Inglaterra. Interessada em ampliar seu mercado consumidor no Brasil e no mundo, o Parlamento Inglês aprovou a Lei Bill Aberdeen (1845), que proibia o tráfico de escravos, dando o poder aos ingleses de abordarem e aprisionarem navios de países que faziam esta prática. Em 1850, o Brasil cedeu às pressões inglesas e aprovou a Lei Eusébio de Queiróz que acabou com o tráfico negreiro. Em 28 de setembro de 1871 era aprovada a Lei do Ventre Livre que dava liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquela data. E no ano de 1885 era promulgada a Lei dos Sexagenários que garantia liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade. Somente no final do	Leonardo

			século XIX é que a escravidão foi mundialmente proibida. Aqui no Brasil, sua abolição se deu em 13 de maio de 1888 com a promulgação da Lei Áurea, feita pela Princesa Isabel.	
13	Rei das Artes	Ala da o que Falar	Entre tantas preciosidades, destacamos agora as que foram criadas com o talento, a originalidade e a inventiva de nossa gente. Materializamos neste figurino o amor às artes brasileiras, representadas em elementos que pontificam o teatro, a música, o cinema e as artes plásticas, reproduzindo a alma de nosso povo. O Negro foi Rei das Artes em todos os cenários por exemplo quando pensamos em Cruz e Souza, em sua poesia, ou quando se reflete sobre a música de alguns importantes músicos como Anacleto de Medeiros, Pixinguinha, Cartola e outros, vislumbramos uma imensa riqueza literária e musical, artística e criativa. Temos inúmeros exemplos importantes a ser seguidos, como um editor como Paula Brito, que foi o primeiro editor brasileiro que lançou a obra de Machado de Assis, ambos afro-descendentes. Também na academia ou na pintura do século dezenove, com alguns artistas fundamentais como Estevão Silva, João Timótheo da Costa, Aleijadinho, que foi o maior escultor do século XVIII no Brasil, ou Chagas, na Bahia, ou o pintor Teófilo de Jesus. Atualmente temos além do Samba as músicas das ruas do Funk, do Axé, entre outros que traz uma sonoridade única deste povo,...	Clemente
14	Rei do Carnaval	Ala Pedro Ernesto	Escolas de samba. As "escolas de samba" nasceram de redutos de diversão das camadas pobres da população do Rio de Janeiro, em sua quase totalidade negros. Reuniam-se para cultivar a música e a dança do samba e outros costumes herdados da cultura africana, e quase sempre enfrentavam ostensiva repressão policial. No entanto, a denominação "escola" só vai surgir em 1928, com a criação da Deixa Falar, no bairro do Estácio. Ismael Silva, seu fundador, explicava o termo como decorrência da proximidade da Escola Normal, no mesmo bairro, o que fazia os sambistas locais serem tratados de "professor" ou "mestre". Posteriormente surgem diversas outras escolas, entre as quais Portela, Mangueira e Unidos da Tijuca. No começo, pouco se distinguem dos blocos e cordões, com ausência de sentido coreográfico e sem qualquer caráter competitivo. Com o tempo, transformam-se em associações recreativas, abertas, cuja finalidade maior é competir nos desfiles carnavalescos, transformados em atração máxima do turismo carioca. De tal forma agigantam-se, que seus encargos — a partir da década de 1960 — equivalem aos de uma empresa, o que as obriga a funcionar por todo o ano, promovendo rodas de samba e "ensaios" com entrada paga, maneira de amenizarem os gastos decorrentes da preparação dos desfiles.	Mara
15	Miscigenação de Ritmos e Sons (Zé Pereira)	ALA Educasamba e Carmela Dutra	Esta proclamada a Miscigenação de Raças e Costumes no Carnaval, um dos ícones dos festejos de Momo é o sapateiro português José Nogueira de Azevedo Paredes, que ficou conhecido como Zé Pereira. Segundo historiadores, foi o gajo que, na década de 1850, passou a animar a folia das ruas do Rio de Janeiro ao som de seu bumbo. Virou símbolo do carnaval e, até início do	Consuelo e Purificacion

			<p>século XX, seu nome era associado a qualquer tipo de manifestação carnavalesca. Este folião simboliza junto com a entrada dos sambas através dos terreiros de Tia Ciata de mesma época criação de um grande festejo que vem até os dias de hoje gerar o Grande Carnaval Miscigenado.</p> <p>“Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena e/ou do negro.”</p> <p>Gilberto Freyre</p>	
16	O Desfile de Amor das Escolas de Samba	Ala das Panteras	<p>Cultivando a identidade, as crenças, os costumes e as lembranças, as Escolas de Samba transformaram-se em pequenas Áfricas, salvaguardando o legado negro para todo o sempre. Viva a oitava maravilha do mundo! Salve as agremiações responsáveis pelo maior espetáculo da Terra! Saudações às estrelas que fazem do carnaval carioca a maior e mais importante festa popular do planeta.</p>	Débora
17	O Carnaval não é só o desfile das escolas de Samba (Olodum)	Ala da Praia	<p>Mas o Carnaval não é apenas o da escola de Samba do Rio de Janeiro, a alegria se expande por todas as regiões deste país continental, de várias formas e agregando várias particularidades locais, uma das mais conhecidas é o bloco Olodum palavra de origem iorubá, que significa "Deus dos Deuses", tem uma postura engajada em questões como a valorização da cultura negra e de transformação social de crianças e jovens carentes do Pelourinho, bairro base do grupo, em Salvador. Com seus tambores, sua música e um conjunto de programas sociais bem sucedidos, como a Escola Criativa Olodum, o grupo conquistou o mundo. As cores do Olodum (e da fantasia) são as cores do Pan-africanismo e da diáspora africana e simbolizam as florestas (verde), o sangue (o vermelho), o ouro da África (amarelo) e o orgulho da raça (preto)</p>	Samuel e Mazinho
18	Os nosso Futuro	Ala das Crianças 02	<p>Caracterizados da forma mais elementar do carnaval, o Futuro do Samba está nas mãos de nossas crianças, nos quais com o samba no pé, evocam seus antepassados de uma África longínqua unido o passado, o presente e o futuro.</p>	Nilce Fran e Valci Pelé
19	Bambas do Samba	Ala dos Compositores	<p>Esta ala e uma homenagem do GRES Tradição a todos os artistas que compõem as trilhas que embalam a folia carioca nos blocos, cordões e escolas de samba salvem os compositores do carnaval.</p>	Lima
20	O Legado	Velha Guarda	<p>Nossa conceituada ala formada pela Grande Família de Madureira com todo respeito ao peso ancestral de seu legado surgiu nos últimos momentos de nosso desfile como o elo entre a moderna cultura negra brasileira e a África Mãe</p>	Marinho

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

SAMBA-ENREDO

Presidente da Ala dos Compositores: LIMA

Autores do Samba-Enredo: João Nogueira e Paulo César Pinheiro

Letra :

O negro lá na África era um rei
Foi artesão, foi caçador
Guerreiro, feiticeiro, camponês
Exímio dançador
Tinha sua própria lei
E a liberdade sem favor

Dono dos ouros, das pratas

Dos rios, das matas

(bis)

O Rei senhor ô ô ô

Um dia chegou o branco invasor
De armas nas mãos, brutais e cruéis
Sangue pelo chão, correntes nos pés
Vinham das galés, lamentos de dor
Mas da escravidão surgiu
Zumbi que foi o rei libertador
O tempo passou
E a raça no Brasil tem uma nova cor
O samba vingou
E o negro no Brasil tornou-se o Rei Nagô

Morena de angola, me faz cafuné

Mulato frajola de lá da Guiné

Que deita e que rola

Na ponta do pé

Veio dentro de gaiola

(bis)

Transformou-se em quilombola

Veja agora o que ele é

Rei do carnaval da escola

Rei das artes, rei da bola

E a rainha mãe quelé

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

Bibliografia

- Almanaque Abril 2003, Volume Brasil, Editora Abril, 2003.
- Enciclopédia Barsa, Encyclopædia Britannica do Brasil, 1999.
- CÁCERES, Florival. História do Brasil, págs. 30-33, Editora Moderna, 1997.
- MARINA, Lúcia & TÉRCIO, Geografia - Série Novo Ensino Médio, págs. 354-355, Editora Ática, 2003.
- MONTELLATO, Andrea, CABRINI, Conceição & CATELLI Junior, Roberto, História Temática: o mundo dos cidadãos, Editora Scipione, 2000.
- TOMAZI, Nelson Dacio (coord.), Iniciação à Sociologia, Editora Atual, 2000.
- RISÉRIO, António. Escravos de escravos. Nossa História - Editora Vera Cruz
- História e Escravidão: Cultura e Religiosidade Negras no Brasil – Um Levantamento Bibliográfico
- MOURA, Roberto - Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro – Secretaria Municipal de Cultura 1995
- VELLOSO, Mônica - Que cara tem o Brasil? AS maneiras de pensar e sentir o nosso país – Ediouro 2000
- VALENÇA, Rachel - Carnaval – Relume-Dumará; Prefeitura – 1996
- DEBRET, Jean Baptiste - Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil – ED. Itatiaia – EDUSP – 1978 (1834-1839)
- ALENCASTRO, Luis Felipe de – O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico sul, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- BARRY, Boubacar – Senegâmbia: o desafio da história regional, Rio de Janeiro, UCAM (Universidade Cândido Mendes), CEAA (Centro de Estudos Afro-Asiáticos) e Amsterdam, SEPHIS (South-South Exchange Programme for Research on the History of Development), 2000.
- BLACKBURN, Robin – A construção do escravismo no Novo Mundo. Do barroco ao moderno, 1492-1800. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- COELHO, Virgílio - Em busca de Kábàsà: uma tentativa de explicação da estrutura político-administrativa do “Reino do Ndongo”, em Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas em Angola, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp 443-477.
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine – A descoberta da África. Lugar da História. Lisboa: Edições 70, 2004.
- CURTIN, Philip D. – Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral, em História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África, coordenação Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Editora Ática/UNESCO, 1980, pp 73-89.
- DAVIS, David Brion – O problema da escravidão na cultura ocidental. Tradução de Wanda Caldeira Brant. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DIAS, Jill R. - O Kabuku Kambilu (c.1850-1900): uma identidade política ambígua, em Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas em Angola. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp 13-53.
- FAGE, J. D. – História da África. Lisboa: Edições 70, 1997. – A evolução da historiografia da África, História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980, coordenador do volume Joseph Ki-Zerbo, pp.43-59.
- FERREIRA, Roquinaldo – Dinâmica do comércio intracolônial: geribitas, panos asiáticos e guerras no tráfico angolano de escravos (século XVIII), em O antigo regime nos trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII), organizadores João Fragoso, Maria Fernanda Bicalho e Maria de Fátima Gouvêa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, Cap 11, pp 339-378.
- HAMPATÉ BÂ, Hamadou – A tradição viva, em História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980.
- HAVIK, Philip J. – Comerciantes e concubinas: sócios estratégicos no comércio atlântico na costa da Guiné, A dimensão atlântica da África, II Reunião Internacional de História da África, São Paulo, CEA-

USP/SDG-Marinha/CAPES, 1997, pp 161-179.

- HEINTZE, Beatrix - Angola nas garras do tráfico de escravos: as guerras do Ndongo (1611-1630), em Revista Internacional de Estudos Africanos, n.1, janeiro/junho 1984, pp.11-59. – O contrato de vassalagem afro-português em Angola no século XVII, em Angola nos séculos XVI e XVII. Estudo sobre fontes, métodos e história. Tradução de Marina Santos. Luanda, Kilombelombe, 2007, pp.387-436.
- KI-ZERBO, Joseph – História da África negra I. Publicações Europa-América, s/d.
- LAW, Robin – A carreira de Francisco Félix de Souza na África Ocidental (1800-1849), em Topoi 2, março de 2001, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro: 7Letras, pp.9-39.
- LOPES, Carlos – Kabunké. Espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999.
- LOVEJOY, Paul E. – A escravidão na África. Uma história e suas transformações, tradução Regina Bhering e Luiz Guilherme Chaves. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.
- M'BOKOLO, Elikia – África negra. História e civilizações. Salvador/São Paulo: EDUFBA/Casa das Áfricas, 2009.
- MEILLASSOUX, Claude - Antropologia da escravidão. O ventre de ferro e dinheiro. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- MILLER, Joseph C. – Poder político e parentesco. Os antigos estados mbundu em Angola. Tradução Maria da Conceição Neto. Luanda, Arquivo Histórico Nacional / Ministério da Cultura, 1995.– África central durante a era do comércio de escravizados, de 1490 a 1850, em Diáspora negra no Brasil, org. Linda M. Heywood, São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- MONTEIRO e ROCHA, Fernando Amaro e Teresa Vasquez – A Guiné do século XVII ao século XIX. O testemunho dos manuscritos. Lisboa, Prefácio, 2004.
- NEWITT, Malyn - História de Moçambique. Sintra: Publicações Europa-América, 1997.
- PARREIRA, Adriano – Economia e sociedade em Angola na época da rainha Jinga, século XVII. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- RYDER, Allan Frederick Charles – Do rio Volta aos Camarões, em História Geral da África IV. A África do século XII ao XVI. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980, coordenador do volume D.T. Niane, pp.353-384.
- SILVA, Alberto da Costa e – A manilha e o libambo. A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. - Um rio chamado atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira / Ed. UFRJ, 2003.- Francisco Félix de Souza, mercador de escravos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: EdUERJ, 2004.- Os primeiros anos de Francisco Félix de Souza na costa dos escravos, em África 22-23, Revista do Centro de Estudos Africanos, USP, São Paulo, 1999/2000/2001, pp.9-23.
- SOUMONNI, Elisée – Daomé e o mundo atlântico. Rio de Janeiro, UCAM (Universidade Cândido Mendes), CEAA (Centro de Estudos Afro-Asiáticos) e Amsterdam, SEPHIS (South-South Exchange Programme for Research on the History of Development), 2001.
- SOUZA, Marina de Mello e – Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de rei congo, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.– Catolicismo e comércio na região do Congo e de Angola, séculos XVI e XVII, em Nas rotas do império, organizadores: João Fragoso, Manolo Florentino e outros. Ilha de Vitória, EDUFES, 2006, pp.279-297. – África e Brasil africano. São Paulo, Ática, 2ª edição, 2008.
- THORNTON, John – A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800, Tradução Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro, Editora Campus: Elsevier, 2004.
- VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Marina de Mello e – Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro: 7Letras, v.3, n.6, p.95-118, dez. 1998. (disponível on line)
- VENÂNCIO, José Carlos – A economia de Luanda e hinterland no século XVIII. Um estudo de sociologia histórica. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.
- FLORENTINO, Manolo. Ensaio sobre escravidão. Minas Gerais: UFMG, 2003. ISBN 8570413661
- MELTZER, Milton. História ilustrada da escravidão. São Paulo: Ediouro, 2004. ISBN 8500011793
- A. J. Avelãs Nunes. Os Sistemas Económicos, Génese e Evolução do Capitalismo. Coimbra: 2006.
- FREITAS, Décio. Palmares, a guerra dos escravos. Porto Alegre: Movimento,1973.
- SANTOS, Joel Rufino dos. Zumbi. São Paulo: Moderna, 1985.
- SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. Dicionário da escravidão. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1997.

- VAINFAS, Ronaldo (Org.). Dicionário do Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- LEAL, I.S. & LEAL, A. (1988). O menino de palmares. Coleção "Jovem do Mundo Todo". Editora Brasiliense. 18ª Edição.
- SANTOS, J.R. (1988). Zumbi. Projeto Passo à Frente - Coleção Biografias. Editora Moderna. - SILVA, Alberto Costa e. - Um Rio Chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África - Nova Fronteira. Ed. UFRJ, 2003
- MACK, John Africa – Arts and Cultures - British Museum Press, 2000
- LOPES, Nei - KITÁBU – O Livro do Saber e do Espírito Negro - Africano - Editora Senac Rio, 2005
- Grande Enciclopédia Delta Larousse - Ed. Larousse, 1972
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo - Repensando o Sincretismo: Estudo Sobre a Casa das Minas Editora da Universidade de São Paulo FAPEMA, 1995
- CAVENDISH, Richard MYTHOLOGY – An illustrated Encyclopedia of the Principal Myths and Religions of the World - Tiger Books International PLC, 1998
- BARROS, José Flávio Pessoa de O Banquete do Rei... OLUBAJÉ – Uma Introdução à Música Sacra Afro-Brasileira.– INTERCON, 1999
- THOMPSON, Robert Farris Face of the Gods – Art and Altars of Africa and the African Americas - The Museum of African Art, 1995
- DREWAL, Henry John and PEMBERTON III, John with ABIODUN, Rowland Yoruba – Nine Centuries of African art and Thought - The Center for African Art in association with Harry N. Abrams Inc. Publishers, 1993

G.R.E.S. TRADIÇÃO

Carnaval 2010

“Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô Eu também tô aí, tô aí sim sinhô”

Nome do Responsável pelo material: SAMUEL GASMAN FILHO

Assinatura

11/01/2009

Data

ATENÇÃO

**DEVOLVER O DISQUETE COM A FICHA TÉCNICA
DEVIDAMENTE PREENCHIDA, E UMA VIA IMPRESSA
ASSINADA PELO RESPONSÁVEL DA AGREMIAÇÃO.**